



FRONTEIRAS PLATINAS EM MATO GROSSO DO SUL: (re)verificações epistêmicas

Tiago Oshiro Linhar¹ & Pedro Henrique Alves de Medeiros²

A fronteira é lugar de separação, mas é também local de aproximação das diferenças e semelhanças entre os lugares, sujeitos e suas práticas artístico-culturais. Se ela, a fronteira, parece circundar algum lugar fechando-o, por uma perspectiva epistêmica preferimos uma visada de que a fronteira é abertura para possibilidades *outras*: lugares, sujeitos, pensamentos, produções artísticas. (BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO; GUERRA; FREIRE. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*, p. 17.)

[...] este livro prioriza uma *episteme* descolonial latino-americana brasileira e sul-mato-grossense para (re)verificar a real situação – geografia, biográfica, discursiva e cultural – dos sujeitos, práticas e culturas das nações (Brasil/Paraguai/Bolívia) que estão circunscritas nessa faixa de fronteira de exclusão, por ser considerada não produtora de conhecimento e cultura [...]. (BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO; GUERRA; FREIRE. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*, p. 19-20.)

O livro *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*: biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira publicado em 2017 pela Editora Pontes e organizado pelos professores sul-mato-grossenses fronteiriços Marcos Antônio Bessa-Oliveira (UEMS), Edgar César Nolasco (UFMS), Vânia Maria Lescano Guerra (UFMS) e Zélia R. Nolasco dos S. Freire (UEMS) reúne uma série de

¹ Tiago Oshiro Linhar é mestrando da UFMS; e-mail: tiagooliar@hotmail.com.

² Pedro Henrique é graduando da UFMS; e-mail: pedro_alvesdemedeiros@hotmail.com.

ensaios dos referidos intelectuais os quais se debruçam a engendrar teorizações *a partir da*³ e sobre a fronteira-sul: um lócus geoistórico e epistemológico por excelência.

Os ensaios que compõem o livro e seus respectivos autores são iniciados após o prefácio da professora Heloísa Toller Gomes intitulado “Pensamento fronteiriço: ocupação de espaços, desestabilização de ‘saberes consagrados’”. Dessa forma, seguem os ensaios na seguinte ordem: “*Biogeografias como episteme local: fronteiras platinas (Brasil/Paraguai/Bolívia)* de Marcos Antônio Bessa-Oliveira, “A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço” de Edgar César Nolasco, “As fronteiras da exclusão: o discurso do outro e o processo identitário do indígena” e, por fim, “‘Contas do meu rosário’ de Hélio Serejo: a representação identitária da literatura e cultura sul-mato-grossense” de Zélia R. Nolasco dos S. Freire.

Em síntese, e como introduzido pelas epígrafes desta resenha, as discussões propostas pelo livro estão atravessadas pela fronteira-sul brasileira com os países limítrofes Paraguai e Bolívia; todavia, a concepção de fronteira utilizada pelos autores em suas articulações críticas está para além de uma mera definição geográfica. A visada que os professores fomentam se aquilata em uma percepção epistemológica em que, na maior parte ou quase todas às vezes, a paisagem sul-mato-grossense é rechaçada pelo discurso moderno hegemônico como um lócus que não produz conhecimento e/ou arte – o que, evidentemente, é uma compreensão falaciosa e colonial.

Diante desse cenário da exterioridade, isto é, de um espaço que aproxima e distancia, em que os intelectuais erigem seus discursos artístico-epistêmicos *a partir* de um biolócus (*bios*+ lócus)⁴ específico (fronteira-sul), contemplando suas sensibilidades locais e biográficas de sujeitos *pensando da* e sobre a fronteira, o objetivo do livro *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*, segundo seus organizadores, é:

³ O uso de itálico na expressão “a partir de” se justifica por ser um conceito amplamente debatido pelo intelectual Walter Mignolo na obra *Histórias Locais/Projetos Globais* (2003) e servir de grande valia para os discursos pós-coloniais e fronteiriços.

⁴ Cf. “Crítica biográfica fronteiriça (Brasil/Paraguai/Bolívia) de Edgar César Nolasco.

[...] tomando nossa tríplice fronteira geográfica (Brasil/Paraguai/Bolívia) como um ponto fundamental onde essas convergências e divergências todas se confrontam – situadas no cerne da Bacia da Prata, por isso nominadas de fronteira platina –, tomada como real e imaginária simultaneamente, *propomos problematizar, como propostas epistêmicas outras a partir desse lugar (geográfico, mas também cultural), mais especificamente estando nós situados no Mato Grosso do Sul (Brasil) [...]*⁵

Nesse sentido, é válido pontuar que o presente livro emerge como resultado da Sessão de Trabalhos “Fronteiras Platinas (Brasil/Paraguai/Bolívia): biogeografias, crítica biográfica fronteira e discurso indígena” apresentada no VI Seminário Internacional América Platina (VI SIAP) e no I Colóquio Unbral de Estudos Fronteiriços. Esse evento foi realizado na capital do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, pelo curso de Geografia da UEMS e o SEBRAE no ano de 2016. Devido à grande repercussão das teorizações ali iniciadas, oportunizou-se a publicação das ideias despontadas *a partir* da e acercada fronteira.

Seguindo essa linha de pensamento, *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)* propõe a (re)verificação das epistemologias modernas, estetizantes, hegemônicas e globalizantes que não contemplam as produções críticas e artísticas das margens. A segregação dos saberes oriundos das fronteiras e, especificamente, do nosso lócus de enunciação latino-americano se deu em um grau tão elevado que este recebeu a alcunha de “fim do mundo”. Ou seja, há ainda hoje, século XXI, uma colonização imperante na academia, na arte e na literatura que invisibiliza tudo aquilo que se sobressai da exterioridade, de maneira extrínseca aos grandes *loci* culturais hegemônicos: a Europa e os Estados Unidos.

Portanto, para realizar tal (re)verificação epistêmica, o livro prima por uma *episteme descolonial latino-americana brasileira e sul-mato-grossense*⁶ que se valha de elementos geográficos, biográficos, discursivos e culturais fronteiriços em sua constituição. Isso se dá porque quase toda a produção do Mato Grosso do Sul está frente à uma formulação mundial assentada, sumariamente, no discurso

⁵ BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO; GUERRA; FREIRE. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*, p. 18-19 – grifo nosso.

⁶ BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO; GUERRA; FREIRE. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*, p. 19.

moderno europeu expansionista: mundo civilizado, branco e falocêntrico – ideologia altamente conhecida por todos os brasileiros, posto que a história do Brasil se integra explicitamente de uma relação colonial do homem branco para com o indígena que foi desconsiderado em sua totalidade identitária e dizimado pelo discurso messiânico europeu.

Além do discurso expansionista europeu, as produções erigidas do lócus sul-mato-grossense ocupam um lugar, novamente, de exclusão por estarem extrínsecas ao lugar econômico inculcado no conceito de globalização proposto pelos Estados Unidos. Para estes, a globalização é o único meio de distribuir “tudo para todos”. E é desse modo que nossas epistemológicas e produções cultural-artísticas se encontram: em meio a um duelo geopolítico entre duas potências mundiais lutando para “civilizar” os sujeitos que habitam a exterioridade – como os professores sul-mato-grossenses deste livro, por exemplo. Dessa percepção, há o conceito de “sujeito incivilizado”:

Pois, o sujeito incivilizado (o preto, pobre, indígena, a mulher, os vários gêneros não enquadrados no masculino e no feminino, os que não falam – já que apenas falam os que têm língua inglesa (europeia ou norte-americana) ou as de descendência europeia como materna), estamos situados no espaço *oco* do *sujeito sem alma, inumano*, sem vida, inexistente.⁷

Os autores, a partir da consciência biolocal de onde suas teorizações são erigidas e da ordem das aproximações e dos distanciamentos das diferenças, versam sobre temáticas situadas no título do próprio livro: *biogeografiasna arte*, crítica biográfica fronteira, discurso indígena e literaturas de fronteira. Para ilustrar essas discussões críticas e fronteiriças, eles se valem de manifestações artísticas sul-mato-grossenses, como a episteme bugresca, o discurso indígena e a produção crioula do escritor Hélio Serejo.

Nessa perspectiva, no prefácio do livro, Heloísa Toller Gomes atenta para os espaços em que o pensamento fronteiro vem ocupando, transpondo desafios e refletindo de fora do parâmetro hegemônico moderno. Com isso, os contextos críticos brasileiros vêm se descentralizando para refletir acerca de epistemologias próprias e não aquelas exportadas dos centros para as margens, comportamento

⁷ BESSA-OLIVEIRA; NOLASCO; GUERRA; FREIRE. *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*, p. 21.

comumente adotado pela academia brasileira e alvo de críticas dos estudiosos pós-coloniais e fronteiriços.

Segundo Heloísa, *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)* explicita esse cenário de descentralização dos saberes em que intelectuais fronteiriços procuram engendrar uma crítica de caráter próprio a partir dos seus *loci* de enunciação, neste caso, a fronteira-sul. A articulação teórica proposta pelo livro atende à solicitação de uma nova episteme que dá conta de reler as próprias manifestações culturais locais/regionais, uma vez que as teorias disciplinares hegemônicas exportadas para as fronteiras não dão conta das problemáticas que as produções deste lugar carecem. A professora divide então o pensamento fronteiriço em duas vertentes:

[...] a crítico/teórica acadêmica, que ilumina a valoriza, por sua vez, a outra frente cultural fronteiriça que realço – e que diz respeito à criatividade local. *Regional*, sim, pois que fincada no seu habitat, mas não *regionalista*, porque não condicionada, ou determinada, por esse habitat ou por interesses utilitários; e que difere assim, radicalmente, da famosa ‘macumba para turista’ denunciada, há tantas décadas, pela irreverência de Oswald de Andrade.⁸

Na esteira desse debate, a intelectual afirma que o pensamento fronteiriço reconhecido e consagrado pela Academia hoje é emergente da nossa fronteira-sul, isto é, do centro-oeste brasileiro. E um grande feito para a articulação desse tipo de reflexão no Brasil é a coleção de CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS editados e organizados por Edgar César Nolasco, professor, coordenador do Núcleo de Estudos Culturais Comparados – NECC – e também organizador do livro aqui resenhado. Segundo Gomes, o pensar e o fazer se misturam no desenvolvimento intelectual dos sujeitos que habitam a fronteira, visto que o lócus de enunciação fronteiriço faz total diferença em uma epistemologia *outra* de caráter pós-colonial.

Assim, diante desse contexto sul-fronteiriço, geostórico e epistemológico, em que os sujeitos produzem teoria, arte e literatura a partir do seu biolócus, das suas sensibilidades locais e biográficas, a ideia da fronteira enquanto “fim do mundo” é descaracterizada. Heloísa ressalta que a fronteira deixa de ser “[...] onde não se produz conhecimento; culturalmente desqualificada porque em contraste

⁸ GOMES. Pensamento fronteiriço, p. 10.

desfavorável com os lugares privilegiados [...]”⁹ Em suma, o próprio livro o qual a professora prefacia e que está sendo resenhado serve de exemplo para esse conjuntura em que uma epistemologia *outra* vai de encontro com a hegemonia que é exportada sem contemplar os *loci* geohistóricos de geração do conhecimento.

Abalizada nessa ideia de exportação dos saberes, Heloísa defende o posicionamento de que o Pensamento Fronteiriço rejeita o clássico costume da intelectualidade brasileira: importar acriticamente conceitos migrados dos centros mundiais hegemônicos modernos para as margens do planeta. Em síntese, é o que Homi K. Bhabha em *O local da cultura* (1998) denomina de “teorias itinerantes”. Pensamentos que viajam sem contemplar as particularidades dos lugares de (re)produção. Nessa lógica, para Heloísa; Zélia, Vânia, Edgar e Marcos evocam possibilidades *outras* de reflexão sob a égide do conceito de “desobediência epistêmica” – oriundo do intelectual aqui já mencionado Walter Mignolo:

Nunca fechada em si mesmo – num movimento mais espiralado do que circular, arrisco dizer – a condição fronteiriça não se vê nem se quer como objeto “ex-ótico” da cultura dominante, mas como produtora de saberes de múltiplas esferas. Isto, auspiciosamente, vem assumindo proporções crescentes pela conscientização atual de opções outras de conhecimento e de produção artística que não aquelas (colonialmente ou neocolonialmente) impostas. Obviamente, sem que a independência de pensar implique isolamento ou xenofobia, na pretensão equivocada de ignorar a epistemologia moderna e suas derivações.¹⁰

Para concluir, Heloísa chama a atenção ao benefício do desenvolvimento do pensar/fazer uma epistemologia de caráter fronteiriço em razão do diálogo igualitário com outros *loci* mundiais. Além disso, o discurso fronteiriço tem a capacidade de abraçar âmbitos internacionais e nacionais misturando-se com as representações culturais de novos espaços, sendo próximos ou distantes, iguais ou semelhantes. A epistemologia fronteiriça desestabiliza na medida em que explicita o quanto são precários os caminhos secularmente trilhados, contribuindo, dessa forma, com a expansão do acervo interpretativo de que se dispõe. Para ela, *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)* funciona justamente nessa interrelação entre teoria e prática fronteiriça.

⁹ GOMES. Pensamento fronteiriço, p. 11.

¹⁰ GOMES. Pensamento fronteiriço, p. 13.

Após o prefácio da professora Heloísa, temos o primeiro ensaio intitulado “*Biogeografias como episteme local: fronteiras platinas (Brasil/Paraguai/Bolívia)*” de autoria do artista e pesquisador fronteiriço Marcos Antônio Bessa-Oliveira. O texto de Marcos, justificando-se por sua formação de artista visual e professor de artes, se projeta em uma crítica às epistemologias modernas e clássicas de Arte (e, como extensão, de estética) que a delimitou contemplando apenas as produções dos grandes centros de modo que as da fronteira e/ou das margens não foram consideradas nesse processo “classificatório”.

Para tal, o autor inicia sua articulação teórica através do conceito de *opção descolonial* (MIGNOLO, 2003) pensado, inicialmente, pelo argentino Walter Dignolo. Marcos se vale dessa *opção* para ressaltar a ideia dos sujeitos biográficos latino-americanos *para além de uma visão de após-colonizados; todavia, sem desconsiderar a vivência desses indivíduos dotados de uma história ex-colonial*.¹¹ Essa acepção tomada por Marcos se faz pertinente, pois enxerga o sujeito latino-americano não mais como o incivilizado necessitado da salvação do branco colonizador, mas enquanto um indivíduo que se encontra atravessado por um processo histórico de colonização:

[...] as produções que emergem desse lócus enunciativo latino-americano carecem de um pensamento epistêmico *outro* que possibilite compreendermos tais produções e artefatos simbólicos como resultados de arte, cultura e conhecimentos que surgem das relações entre os símbolos cotidianos e as científicidades estabelecidas entre os sujeitos biográficos e os locais enunciativos latino-americanos.¹²

Servindo-se da *opção descolonial* e de uma teorização de natureza fronteiriça, Marcos pretende elaborar uma epistemologia artística chamada, inicialmente, de “Estética (ou não) Bugresca” que, no desenrolar da sua discussão, corroborará o conceito de “*episteme bugresca*”, um pensamento artístico-teórico que erige *da* e sobre a fronteira-sul do Brasil: seu lócus de enunciação. Nesse sentido, o presente ensaio do autor (2016) dá continuidade aos seus estudos iniciados em 2014 com foco na relação da arte aliada às produções de ordem bugrescas e fronteiriças. A diferença, agora, reside na inserção das paisagens *biogeográficas* no rol das reflexões artístico-epistêmicas pretendidas.

¹¹ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p.30.

¹² BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p.30.

A ideia, segundo Bessa-Oliveira, é pensar *episteme* “Bugresca” enquanto uma possível conceituação a ser utilizada em obras simbólicas criadas em *loci* periféricos culturais levando em consideração os seus próprios símbolos¹³. A proposta é engendrar uma teorização que considere a cultura da fronteira-sul sem tentar ser universalizadora de culturas *outras*, isto é, de diferentes contextos geoistórico-epistêmicos não inseridos no que tomamos por cultura sul-mato-grossense, visto que devido à extensão territorial do Brasil suas fronteiras são demasiadamente extensas e multifacetadas com histórias locais e sensibilidades específicas.

Em seu cerne, uma concepção bugresca, à semelhança da ensejada por Marcos, toma como fato inicial o princípio de que as estéticas hegemônicas, europeias e norte-americanas, não contempla(ra)m as práticas artísticas e culturais das periferias. Por isso, através de epistemologias de condição fronteira se abrem as portas para a possibilidades de (re)pensar alternativas outras além das disponibilizadas pelos discursos modernos, estetizantes e hegemônicos. As produções de Arte e conhecimento são reconfiguradas sob o crivo de uma teorização outra que contempla o sujeito da exterioridade, tal qual o sul-mato-grossense, por exemplo. Considerando o conceito de estética e a sua exclusão inerente, Marcos pontua:

Tal perspectiva aqui esboçada toma como maneira conceitual outra, uma *reconfiguração do conceito de estética (quer seja este mesmo o termo ou não), exatamente por que esse conceito não oportunizou, como fora maquinado, às práticas artístico-culturais e simbólicas, bem como o reconhecimento produzidos em lugares periféricos, as línguas e costumes de povos não europeus ou não norte- americanos de serem compreendidos enquanto tais: arte e conhecimento [...]*¹⁴

Na esteira, ainda, da estética e da hegemonia excludente que a permeia, Marcos assinala duas acepções deste conceito tão antigo da história do conhecimento e, sobretudo, da arte. A primeira converge à visada de estética consolidada pela modernidade em que os ideais de beleza e prazer são atribuídos ao sujeito com o intelecto cientificizado dotado de educação para conseguir sentir

¹³ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p. 31.

¹⁴ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p. 32 – grifo nosso.

e sensibilizar-se frente às manifestações de arte. A segunda advém de uma definição clássica oriunda do que historicamente se conhece por Antiguidade Clássica e pelos preceitos definidos por Aristóteles de estética enquanto *aisthesis*, *aisthetiké*, sensitivo. Definição clássica essa (re)aproveitada pelo Renascimento para abalizar um projeto europeu de um Mundo Ocidental Comum.

Diante desses significados aquilatados no bojo do conceito de estética, Marcos ressalta que ambas as definições apostas estão disseminadas na nossa cultura contemporânea, em países periféricos e hegemônicos, e ainda endossam os discursos de arte, cultura e conhecimento promovendo, conseqüentemente, um cânone específico que não abarca as manifestações erigidas de *loci* subalternos, marginais e periféricos–afrenteira-sul da qual Marcos e nós estabelecemos nossas articulações críticas.

De acordo com Bessa-Oliveira, é necessário salientar que a América Latina, enxergada como um lugar “fora do eixo”, está em constante desenvolvimento de literatura, conhecimento, arte e cultura, mas que esta só pode ser relida à luz de epistemes específicas, como a fronteira proposta por Marcos, uma vez que só esse tipo de teorização pode dar conta de (re)ler manifestações artístico-culturais latino-americanas. Uma teoria assentada em uma perspectiva disciplinar, a clássica de Aristóteles, não contempla as sensibilidades e subjetividades dessas Artes latinas constituídas a partir de fronteiras e paisagens subalternizadas. Para Marcos, a ideia de estética nunca incluiu o sujeito da exterioridade:

A ideia é que, nem por uma ou por outra ótica, a sustentação da nomenclatura “estética”, por exemplo, nunca nos representou. Isso porque esteticamente não produzíamos a independência arte ou ciência porque essas estariam atravessadas por aquelas noções Moderna ou Clássica de ambas. [...] a noção de “Estéticas Periféricas”, por exemplo, parece não mais contemplar as propostas das produções artísticas, simbólicas e de produção de conhecimentos dos lugares foras dos eixos. [...] *estou aqui propondo a constituição de termos outros que corroborem diálogos, cada vez mais profícuos e amplos no entendimento, e na explicação dos fazeres artísticos e epistêmicos dos sujeitos e lugares enunciativos relegados ao descaso [...]*¹⁵

As reflexões que concernem à conceituação de uma *episteme bugresca* contribuem para a geopolítica da fronteira-sul com os países lindeiros,

¹⁵ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p. 36 – grifo nosso.

Brasil/Paraguai/Bolívia, e objetiva-se em fornecer maior liberdade às suas artes reconhecendo-as enquanto tal e dotadas de conhecimentos *à lá* as erigidas de *loci* alocados nos centros mundiais. Faz-se necessário atestar suas histórias e sensibilidades locais valorizando-as e inserindo-as no plano discursivo acadêmico e artístico que, ainda hoje, está com o olhar cristalizado e voltado apenas para os centros do planeta. Diante desse cenário é imprescindível descentralizar essa óptica colonial a partir de uma visada *outra* e fronteiriça.

Mediante a contemporaneidade e a disposição que o mundo está articulado, qualquer concepção epistêmica deve ter o discernimento de que há uma narrativa moderna em que determinados sujeitos foram/são privilegiado e que, imbricados nesse mesmo cenário, outros indivíduos, historicamente e ainda hoje, estão sendo expurgados cada vez mais para as margens sob a alcunha de suas diferenças tomadas como valores. Em suma, a diferença é valia, segundo o discurso moderno, para segregar e causar cisões entre os indivíduos e as sociedades.

Dando continuidade à discussão artístico-epistêmica, Marcos Antônio Bessa-Oliveira divide seu ensaio em um novo subtítulo chamado “Fronteiras culturais (*différences*) (*coloniales*): biogeografias e (des)igualdades sociais”. Como percebido, o título aferido a essa subdivisão é extenso e de grande fomento teórico, mesclando conceitos caros às teorizações fronteiriças e evocando nomenclaturas que, provavelmente, são desconhecidas por grande parte do público leitor. Assim, com o objetivo de sanar possíveis questões, o professor (re)inicia seu pensamento erigindo uma série de explicações que definem o título escolhido. Nesse prisma, explicar para o intelectual se define:

[...] como um discurso reflexivo sobre a ideia de que os conceitos migram, os sujeitos migram, os lugares e as práticas artístico-culturais também são migrantes por naturezas diversas: impositivas, naturezas ou por obrigações. Explicar, neste trabalho, também é refletir!¹⁶

Isso posto, o professor expõe 5 justificativas que destrincham o subtítulo do ensaio, pois, para ele, explicar significa refletir. Sendo assim, o sentido de fronteira que é tomado por Marcos se abaliza em uma noção cultural entendida como discurso político que afasta e aproxima os indivíduos e que se erige de um lócus enunciativo situado no centro-oeste brasileiro. Ademais, o termo “Fronteiras

¹⁶ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p. 44.

Culturais (*différences*)(*coloniales*)” deriva de conceitos formulados por Jacques Derrida e Walter Mignolo em suas línguas naturais, francês e espanhol, respectivamente. O uso dos dois conceitos e em diferentes línguas recorre em um duplo entendimento de que as fronteiras culturais são da ordem da diferença e colôniaistendo em vista que a América Latina está atravessada por uma percepção sócio-histórica colonial.

Já a grafia de “(des)igualdades sociais”, conforme aponta Marcos, se explica, para além da percepção comum de desigualdade social, mas uma abertura conceitual e discursiva por aumentar a compreensão das noções de igualdade e diferença sob a égide das relações sociais, políticas, econômicas e geográficas. E, por fim, ainda no que concerne à justificativa do título, explicita-se o conceito de “*biogeografias*” que, propositalmente, foi discutido por último pelo autor devido à importância crítica para a discussão artístico-epistêmica pretendida. Bessa- Oliveira corrobora:

[...] *bio* + geografia = *biogeografias* que se lê aqui como espaço biográfico enunciativo de discursos particulares para traduzir a ideia de que cada sujeito e espaços são únicos nas suas especificidades biográficas, sociais, culturais e geográficas. O termo “nada” tem, além de empréstimos da grafia, do conceito de *biogeografia* tradicional da disciplina de Geografia que é igual à ciência da natureza preocupada com a distribuição dos seres vivos nos espaços e quais os acontecimentos que os condicionam a estes espaços.¹⁷

143

Ao incutir sua definição e problematização das *biogeografias*, o autor ressalta que seu debate se relaciona de maneira mais próxima com os contextos de arte, cultura e produção dos saberes advindos das periferias que, aos olhos dos centros, servem apenas de modelos ilustrativos de conceituações alheias. Novamente, a teorização e a manifestação de Arte oriundas da fronteira são deslegitimadas pelo discurso hegemônico colonial. Disciplinas tais quais as Ciências Naturais, a Sociologia, a Filosofia, a Antropologia, as *Belle-Lettres* e os *Beaux-Arts*, colaboram com o rechaçamento de tudo que advém da exterioridade do mundo.

Nessa perspectiva de hierarquização dos saberes e das produções culturais-artísticas, o professor se vê frente a dois conceitos que nos ajudam a compreender melhor essa epistemologia *outra* que grassa das fronteiras buscando ocupar seus

¹⁷ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p. 47-48.

espaços que foram tomados pela colonialidade estetizante e hegemônica: os termos diversidade e diversalidade (MIGNOLO, 2003). *A priori*, devido a conveniências de caráter ortográfico, pode-se imaginar que ambas as nomenclaturas carregam semânticas e definições equivalentes e/ou sinonímicas. Contudo, Bessa-Oliveira na esteira do pensamento de Walter Mignolo, didaticamente, as difere e insere suas contribuições para as epistemes fronteiriças:

[...] divers(al)idade inscreve-se por diversidade e também como *diversalidade*. Pois, se para Mignolo o termo diversalidades é mais amplo e igualitário do que diversidade – o primeiro está inscrito, segundo o autor argentino, em uma diversidade verticalizada, que toma as diferenças características de distinções qualitativas entre os sujeitos, culturas e lugares diferentes; *diversalidade já se inscreveria numa visada horizontalizada em que toma as diferenças dos sujeitos, culturas e lugares como quantitativas, para usar um termo próximo às diferenças qualitativas de diversidade, que tratam as diferenças alheias como características de especificidades particularizadas e que devem ser percebidas nas suas diferenças, não convergências; quantidade como sinônimo de múltiplas diferenças [...]*¹⁸

Essa distinção conceitual é importante para a epistemologia que se enuncia da fronteira em razão de colocar de lado o olhar binário alocado pelas ideias tradicionais, cima/baixodireita/esquerda, atentando-se para as diferenças não mais enquanto valores, mas como possibilidades. Oportunidades de inserção das culturas e saberes *outros* que sempre foram marginalizados pelas desigualdades que tanto se debatem no prisma dos estudos fronteiriços e pós-coloniais – Bessa- Oliveira é um exemplo desses pesquisadores.

Essa marginalização a qual Marcos se refere é ainda mais radical quando se trata de Arte devido aos discursos críticos em que esta ainda se assenta: saberes que são exportados dos grandes centros para as margens do planeta – edificados, sobretudo, na Europa e nos Estados Unidos. Para o professor-artista, o discurso artístico parece atravessar-se quase sempre pelos enunciados de terceiros, ou seja, aqueles que não são artistas. É nesse cenário que a crítica de arte toma espaço tomando o discurso alheio para si uma vez que é ela quem emite pareceres e opiniões acerca de tudo que se enxerga sob a rubrica “arte”. A crítica visibiliza ou invisibiliza o seu próprio discurso. Em constatação a esse cenário e aos supracitados, Bessa-Oliveira atesta:

¹⁸ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p. 52.

Por tudo isso, deve haver, teórico e criticamente, uma preocupação por parte de artistas, teóricos, críticos e professores das artes em conceituar esses muitos “*agoras*” discursivos das/nas produções artísticas (discursivas, porquanto) que nos obrigam situar – logo, as (e)(i)migrações *biogeográficas* – as desigualdades, identidades, pluralismos e culturas de uma(s) perspectiva(s) epistemológica(s) eu melhor possa(m) contemplar os “*irem*” e “*virem*” da contemporaneidade cultural.¹⁹

Desse modo, ao encaminhar sua articulação crítica ensaísta para a conclusão, o pesquisador evoca uma série de referências tangíveis aos discursos pós-coloniais, fronteiriços e da diferença que podem e dão sustentação teórica para uma episteme que visa barrar a colonialidade imposta pelos grandes centros hegemônicos mundiais – além de claro, darem respaldo crítico para todas as assertivas defendidas pelo autor neste ensaio. Algumas delas são: *O local da cultura* (BHABHA, 1998), *Histórias locais/projetos globais* (MIGNOLO, 2003), *A mobilidade das fronteiras* (HISSA, 2002), *Diáspora* (HALL, 2009) e *Escritura e diferença* (DERRIDA, 2009).

Como fechamento de suas ideias, Marcos Antônio Bessa-Oliveira defende um posicionamento crítico que deve priorizar a discordância dos discursos oficiais que visam legitimar e propagar relações coloniais a partir de práticas, discursos e conceitos exportados dos centros para as bordas do mundo excluindo tudo o que é da ordem da exterioridade: arte, cultura, literatura e ciência. Os discursos periféricos existem e estão sendo emitidos para além das fronteiras que cercam e protegem os enunciados de poder que tanto silenciaram e deslegitimaram tudo que é da ordem da periferia. Uma episteme outra, de caráter fronteiriço, visa combater essa colonialidade que esfuma e dissipa as diferenças tomadas por valores binários e segregacionistas.

Na sequência, Edgar César Nolasco abre o ensaio referindo-se ao título “A (des)ordem epistêmica” como uma alusão ao livro *A ordem do discurso* de Michel Foucault. Desse modo, destaca o método de análise formulado por Foucault com base em quatro regras: inversão, descontinuidade, especificidade e exterioridade. Enfatizando duas e invertendo a última das quatro regras. Assim, o autor conclui que ao pensar a *exterioridade*, diferentemente do filósofo francês, abre novas possibilidades acerca de tal teorização, e argumenta:

¹⁹ BESSA-OLIVEIRA. *Biogeografias como episteme local*, p. 58.

Pelo avesso, pego a regra de *exterioridade*, e desde o título, pois se trata do discurso de exterioridade toda a discussão que proponho: “a partir do próprio discurso, de sua aparição e de sua regularidade, passar às suas condições externas de possibilidade, àquilo que dá lugar à série aleatória desses acontecimentos e fixar suas fronteiras.” Aqui, infelizmente, Foucault não pode me ajudar como gostaria, posto que falamos de *exterioridades* muito diferentes.²⁰

O autor termina sua introdução assinalando que o que se pretende discutir “está preso a um *bios* de um lócus [...], a fronteira sul” de onde erige tal discurso. Em uma analogia ao discurso foucaultiano o qual propõe a voz de um amigo morto que o *habita*, o ensaísta sugere que a voz do outro da fronteira *habita* o discurso que está prestes a ser articulado. Em um segundo momento, em “Discurso crítico biográfico de fronteira”, o autor inclina-se ao discurso crítico fronteiriço reforçando as expressões ou conceitos “a partir de”, “método” e “exterioridade”, sempre pela “abordagem da crítica descolonial”, que segundo ele ancora:

[...] toda a discussão aqui proposta, por entender que tais conceitos situam parte do *bios* do discurso crítico fronteiriço. Sendo que a outra parte dá-se por conta do reconhecimento e inscrição do *bióculos* do intelectual dentro da própria reflexão que se propõe no momento.²¹

Em “A partir de mim, o *bios*”, o intelectual inicia propondo que a expressão “a partir de”, remete tanto ao lócus enunciativo quanto ao lócus geoistórico. Contudo, indo além de uma questão territorial, menciona a saída crítica a qual Walter Mignolo concebe o pensamento liminar, e argumenta que este pensamento:

[...] não faz sentido sem a compreensão da diferença colonial. Entende por diferença colonial a “classificação do planeta no imaginário colonial/moderno praticada pela colonialidade do poder, uma energia e um maquinário que transforma diferenças em valores.”²²

Após uma longa citação de Mignolo, Nolasco debruça-se na afirmação do crítico argentino propondo que uma episteme fronteiriça deve ser compreendida como um lócus enunciativo fronteiriço crítico. O autor ainda argumenta que o lócus fronteiriço – ao invés de continuar reproduzindo o discurso do centro – deve

²⁰ NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 66

²¹ NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 68.

²² NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 69.

ser tomado como um “campo gerador de saberes” e de discurso crítico, sempre ancorado em uma epistemologia da fronteira. Sendo assim, a expressão “a partir de” a qual valida o lugar de onde se fala, em síntese:

[...] amalgama a proposta maior do pensamento pós-colonial e defendida por Mignolo que é a ideia de “pensar a partir da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade. [...] a partir da fronteira do conceito moderno de teoria e daquelas formas anônimas de pensamento silenciado pelo moderno conceito de teoria.” Bem entendido o sentido de fronteira proposto pelo autor de *Histórias locais/ projetos globais* (2003) bem como toda teoria pós-ocidental, tem um sentido sobretudo epistemológico.²³

Pensar “a partir de” significa, todavia, pensar a partir da fronteira do conceito moderno assumindo a perspectiva da subalternidade. Ainda que esta premissa de Mignolo reforce o sentido epistemológico de fronteira; Nolasco, por sua vez, sem descartar esta carga atribuída ao termo, não ignora o sentido territorial do mesmo, de onde *habita* e é erigido o seu discurso; mais precisamente da fronteira-sul do Brasil, da América Latina e do mundo.

Por conseguinte, este afirma que “é a partir do lócus discursivo, no qual se encontra o crítico, que se erige a teorização biográfica fronteiriça”. Este pensamento, portanto, jamais pode emergir “do discurso modernos” ou de “conceitos disciplinares pensados do outro lado do atlântico”²⁴. Consequentemente, para o ensaísta, narrar as diferentes histórias locais da fronteira Sul talvez seja uma forma de barrar as teorias importadas do Norte.

Outro ponto ao qual o autor se detém é o do fora do eixo. Ou seja, pensar a fronteira em um país “colossal” como é o Brasil também significa romper com a velha epistemologia advinda das cidades centrais e suas universidades. Sendo assim, busca-se desfazer a prática de se repetir nas margens conceitos produzidos no centro. Para sustentar este raciocínio, o autor pauta-se no que desenvolveu Mignolo acerca da “inscrição da experiência colonial/subalterna do crítico em suas práticas teóricas”²⁵. Esta inscrição, segundo Nolasco, torna-se fundamental

²³ NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 72

²⁴ NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 73.

²⁵ NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 74.

para formular uma “teorização biográfica fronteiriça”. Pois, através dela, uma perspectiva pós-colonial, é permitida a reinserção do sujeito subalterno.

O eurocentrismo ao adotar uma crítica unilateral e Universal deixa de perceber a pluriversalidade do mundo, não podendo assim, pensar a partir da *exterioridade*; em outras palavras, pensar descolonialmente. Resumindo esta ideia, compreendemos que as teorias vindas do centro pensam que podem analisar dentro de seu discurso o discurso do outro, prática esta que serve apenas para reforçar sua interioridade. Enfim, o autor sustenta que a força da teorização biográfica fronteiriça está na capacidade de transculturar teorias itinerantes vindas do centro, ou de fora.

No penúltimo subtítulo “O método do discurso fronteiriço”, Nolasco debruça-se sobre o raciocínio de Mignolo que contrapõe a teopolítica e a egopolítica da razão moderna de Descartes à ideia de geo-política e corpo-política encontradas no discurso descolonial de Gloria Anzaldúa. Sendo assim, ainda na esteira de Mignolo, o autor concorda que seja preciso subverter a ordem do discurso cartesiano “penso logo existo” pela consciência fronteiriça do *ser a partir de onde pensa*. Assim, consequentemente, se afirma a exterioridade. E o autor conclui com a seguinte reflexão:

Se, por um lado, esse mundo no qual muitos mundos e povos podem coexistir ainda não é possível (e o presente parece não acenar nessa direção, apesar de haver, cada vez mais, toda uma preocupação crítica nesse sentido), por outro, estamos vivendo um momento histórico no qual as fronteiras se instauram por meio dos discursos, línguas e limites de países, acirrando os poderes e direitos, bem como as injustiças e poder de decisão de uns sobre os outros, permitindo que tais atitudes políticas, sócias estatais/mundiais rocem os fundamentalismos do mundo presente. Se na realidade mundial atual, estamos assistindo ao vivo e em tempo real, por meio de um mundo massmediático sob suspeição, um mundo da *exterioridade* expor suas fronteiras sangrentas das quais não podemos habitar ainda, por outro lado, por meio da imaginação crítica e do discurso do fora podemos compartilhar e pensar no sentido de resolver as diferenças coloniais, sociais e políticas que grassam neste século 21. Assistimos assustados a um mundo da *exterioridade* que se emergiu diante de nossos olhos e discursos coloniais, exatamente de dentro da *interioridade* que o rechaçou, ou alimentou à distância, por meio de um discurso dos centros civilizados cheio de boa vontade analítica. Habitar a fronteira é uma forma de

habitar essa exterioridade, de transitar por dentro dessa exterioridade, e propor um discurso diferente daquele que a produziu.²⁶

No último subtítulo do ensaio “A exterioridade do dentro (fora)”, Nolasco inicia abordando as imagens que os veículos midiáticos constroem no imaginário social acerca daqueles que atravessam a fronteira. Logo, toma por base a fronteira-sul de onde é erigido seu discurso, a qual nos oferece uma paisagem que além da natural, traz em si seus sujeitos oprimidos. O autor refere-se à fronteira-sul como uma “morada da diferença colonial” que, por conseguinte, torna-se *exterior* por excelência. Sendo assim, essa exterioridade só pode ser percebida pelos que habitam o exterior (a fronteira), e não sob uma perspectiva interior, ou seja, do centro. Finalizando, o autor afirma que para se pensar a exterioridade é necessária uma epistemologia fronteiriça. Em suas palavras:

De acordo com o que vimos até aqui, para se pensar acerca da exterioridade é necessária uma epistemologia fronteiriça. Aliás, como já vimos, não basta habitar o discurso que produz a exterioridade, é necessário habitar a própria exterioridade (diferença colonial, ou fronteira). Assim, o pensamento fronteiriço vai nos conduzindo a uma opção descolonial que nos permite desenganchar da opção existente moderna de pensar e fazer que nos prende a uma ordem do discurso de uma sociedade política global. Afinal, como conclui Mignolo, “la descolonialidad requiere una desobediencia epistémica, porque el pensamiento fronterizo es por definición pensar en exterioridad en los espacios y tiempos que la auto-narrativa de la modernidad inventó como su exterior para legitimar su propia lógica de colonialidad.”²⁷

149

No texto de Vânia Maria Lescano Guerra intitulado “As fronteiras da exclusão: o discurso do outro e o processo identitário do indígena”, temos de início uma reflexão sobre os indígenas nas cidades. Os vários motivos que os levam para o contexto urbano é refletido pela autora a partir de discursos veiculados na cartilha “Povos indígenas em espaços urbanos”. O objetivo, no entanto, é investigar possíveis marcas deixadas pelo período colonial no texto da cartilha. Estas representações construídas – que não se limitam apenas à cartilha – no imaginário do indígena, segundo Guerra, faz com que eles próprios acreditem nessa condição, nas palavras da autora:

²⁶ NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 86-87.

²⁷ NOLASCO. A (des)ordem epistemológica do discurso fronteiriço, p. 92.

A partir da consolidação de sua imagem como abandonado e miserável (GUERRA, 2010; 2015), o indígena [...] tem tal imagem inserida em seu imaginário uma vez que de acordo com Coracini (2007, p.61), o sujeito “se constrói nos e pelos discursos imbricados que o vão constituindo” – dentre eles, os discursos do “colonizado”, da “escola” e da “mídia”: as representações construídas em seu próprio imaginário possuem força suficiente para fazer o indígena acreditar que a condição em que se encontram é constitutiva de sua identidade.²⁸

Em “Da exclusão social: aspectos históricos e territoriais indígenas” é abordada a condição do indígena com relação ao resto do mundo, condição esta advinda da consequência colonial. Trazendo a questão para o estado de Mato Grosso Do Sul, a autora ilustra com passagens do processo histórico que desprestigiaram estes povos, causando-lhes profundas cicatrizes.

Já em “Transdisciplinar é preciso: para uma epistemologia crítica”, estamos diante de uma perspectiva discursivo-desconstrutivista que a autora adota para afastar-se de preceitos instituídos por um raciocínio cartesiano. Aqui, contudo, o texto problematiza o discurso do e sobre os indígenas originado pela colonialidade do poder. Assim a autora remete-se ao discurso como um mecanismo do saber e, por conseguinte, um mecanismo de poder. Nessa linha de raciocínio podemos sintetizar segundo a premissa da autora de que:

[...] a noção de identidade e a marcação da diferença não podem ser separadas das relações mais amplas de poder. Ou seja, tanto a construção discursiva da identidade quanto da diferença jamais é inocente, uma vez que elas requerem uma série de procedimentos que traduzem essas noções. A identidade e uma construção simbólica e imaginada, mas que se materializa em gestos, ações, posturas e expressões que “naturalizam” e simplificam as diferenças e semelhanças que alguns necessitam para colocar certa ordem idealizada no mundo a partir de suas perspectivas. Portanto, na tessitura dos discursos, reserva-se um lugar de unidade e de pertencimento para “nós” e um lugar de reconhecimento de diferença para o “eles”²⁹.

Por fim, sugere uma “memória prótese” que, mais especificamente, na esteira de Régine Robin é definida como:

[...] memórias que circulam no espaço público sem ter base orgânica, mas que são vividas, no entanto, como totalmente incorporadas”. (ROBIN, 2016, p. 352), como uma experiência corporal por meio de mecanismos culturais e se tornam elementos

²⁸ GUERRA. As fronteiras da exclusão, p. 98.

²⁹ GUERRA. As fronteiras da exclusão, p. 103-104.

do próprio arquivo existencial dos sujeitos, “formando não somente a subjetividade, mas suas relações com o presente e o futuro”. Na relação entre memória coletiva, memória histórica e produção de identidades, apesar de assumir que o passado ressurgiu nos discursos analisados, ele se configura como uma fonte para a construção, no presente, de uma memória que fornece elementos para a construção de identidades³⁰.

No subtítulo que precede as considerações finais, a autora aborda “O discurso didático sobre o indígena e suas representações”. Retomando, em um primeiro momento, o foco analítico do trabalho, o livro *Povos indígenas em espaços urbanos*, a autora ilustra algumas passagens da cartilha que serve de base para sua análise discursiva. Desde as primeiras páginas que retratam os indígenas na cidade, passando pelo depoimento de uma mulher Terena que reside em Dourados (trecho que é analisado minuciosamente), traz ainda questões ligadas a produção cultural indígena. Em uma outra perspectiva é trabalhado o processo da memória destes povos com base no conceito de arquivo de Derrida. Por fim, Guerra afirma que:

[...] o modo de existência da memória na ordem desse discurso didático é o lugar no qual a formação discursiva colonialista trabalha a continuidade e denuncia a ruptura, num movimento identitário. Isso se dá a partir do deslizamento de sentidos nessa memória discursiva em decorrência da relação tensa que se instaura entre a memória da colonização e o reconhecimento da instância de representação política: a memória surge como participante no jogo metafórico de deslizamentos e opacidade do dizer, cujos dizeres sinalizam a constituição heterogênea do sujeito colonizado e confirmam o tratar de um sujeito afetado pelo encontro colonial.³¹

151

Mais adiante, no último parágrafo do trecho, sob a perspectiva de Boaventura Sousa Santos sustenta que:

[...] Acultura indígena de nosso país é uma cultura de fronteira, “não porque para além de nós se conceba o vazio, uma terra de ninguém, mas porque de algum modo o vazio está do lado de cá, do nosso lado”. E é por isso que nosso (per)curso histórico cultural da modernidade fomos tanto o civilizado como o selvagem, “tanto o colonizador como o imigrante”. Essa zona fronteira surge multifacetada, babélica, lugar em que os contatos se pulverizam e se ordenam segundo microhierarquias pouco suscetíveis de globalização. Nessa região, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e

³⁰ GUERRA. As fronteiras da exclusão, p. 107.

³¹ GUERRA. As fronteiras da exclusão, p. 115.

igualmente subvertíveis (SOUSA SANTOS, 1997, p. 152-153), especialmente, se considerarmos que vivemos no Mato Grosso do Sul, onde temos as colônias Paraguai, boliviana, nordestina e gaúcha; cada uma com suas singularidades culturais, históricas e políticas³².

Em suas considerações finais, a autora afirma que seu intuito fora o de mostrar pelo viés discursivo-desconstrutivista e que o jogo identitário surge como a possibilidade de desbancar a tradicional crença de um significado transcendental. E conclui que:

[...] na busca de alternativas à dominação e à opressão, como distinguir entre alternativas ao sistema de opressão e dominação e alternativas dentro do sistema ou, mais especificamente, como distinguir alternativas ao capitalismo de alternativas dentro do capitalismo? Como combater as linhas abissais usando instrumentos conceituais e políticos que as não reproduzam? E, finalmente, uma questão com especial interesse para educadores: qual seria o impacto de uma concepção pós-abissal de conhecimento sobre as instituições educativas e centros de investigação? Nenhuma dessas perguntas têm propostas definitivas. Mas o esforço civilizatório para tentar dar-lhes resposta é, provavelmente, a única forma de confrontar a nova e mais insidiosa versão do pensamento abissal identificada neste trabalho a partir do trabalho com as questões indígenas: a constante ascensão do paradigma da apropriação/violência no interior do paradigma da regulação/emancipação.³³

O último texto que compõe o livro intitula-se “‘Contas do meu rosário’ de Hélio Serejo: a representação identitária da literatura e cultura Sul-mato-grossense”. Zélia R. Nolasco dos S. Freire o apresenta como fruto de um projeto de pesquisa sob o título “As manifestações literárias e culturais em MS: análise e crítica”. Em um primeiro momento, a autora deixa claro que são diversas as fronteiras que condicionam a região sul, lócus ao qual ela habita e erige seu discurso. Dentre estas fronteiras ressalta as econômicas e sociais, para a autora:

[...] são tantas as fronteiras que terminam por se confundirem. Principalmente, no caso das fronteiras econômicas e sociais, pois uma está diretamente associada à outra e pode-se dizer que são fruto desse contexto histórico de fronteira. Basta atentarmos para a existência de grandes propriedades rurais que estão nas mãos de poucas pessoas o que gera toda uma reivindicação por demarcação de terras

³² GUERRA.As fronteiras da exclusão, p. 116-117.

³³ GUERRA.As fronteiras da exclusão, p. 119.

indígenas e a questão dos assentamentos rurais no Estado. Problemas esses que ainda estão por ser resolvidos.³⁴

Partindo desse posicionamento são abordadas “As diversas fronteiras da/na literatura sul-mato-grossense”. Sendo assim, enfatizamos diversos aspectos culturais que caracterizam a literatura sul-mato-grossense a qual apresenta uma matriz em comum. Segundo a autora, pelo fato de este lócus abrigar várias colônias que constituem um caráter híbrido; como as colônias paraguaia, nordestina e gaúcha. Por conseguinte, afirma que as influências geográficas, econômicas, folclóricas dos imigrantes estejam arraigadas às suas manifestações artísticas. Dentre os autores que representam as letras do estado de MS, Zélia elege Hélio Serejo. Escolha justificada pela sua vasta obra, a qual contribui para a literatura do Estado.

Sob o título “O escritor Hélio Serejo: o homem fronteiro”, nos é apresentado o escritor oriundo da cidade de Nioaque e sua contribuição intelectual que não se limitou à literatura. Sua vasta obra literária é abordada aqui como objeto que proporciona “discutir criticamente as produções culturais periféricas”. Estas que “retratam as condições históricas da fronteira Brasil/Paraguai no pós- Guerra do Paraguai”. Como por exemplo na obra *Carai* (1984) a qual Serejo:

[...] descreveu o bom relacionamento entre Thomas Laranjeira e os habitantes da região, reconhecendo que este teve que se empenhar em duros embates com os índios habitantes da região, os verdadeiros donos da terra. Relatou também várias formas de pagamento do trabalhador índio [...].³⁵

Em “O conceito de transculturação”, a autora pauta-se na proposta de Fernando Ortiz e Angel Rama para discutir acerca da obra de Serejo, produzida e pensada da e pela fronteira. O escritor, na condição de pequeno proprietário da Companhia Mate Laranjeira, assume um posicionamento que favorece seu olhar sobre a realidade da fronteira. Seu contato – por consequência da “Companhia” – com a cultura paraguaia e com a região da fronteira é objeto constituinte de sua literatura. Após breves análises de fragmentos da obra de Serejo, a autora afirma a forte ligação do escritor com seu lócus de enunciação e com o contexto sócio-cultural retratado em sua produção literária.

³⁴ FREIRE. “Contas do meu rosário” de Hélio Serejo, p. 123.

³⁵ FREIRE. “Contas do meu rosário” de Hélio Serejo, p. 128.

No último e mais extenso subtítulo “A obra ‘Contas do meu rosário’ de Hélio Serejo”, a autora lança um olhar analítico acerca de tal obra. Além disso não deixa de propor a produção de Serejo como um importante objeto de estudo a ser adotado pelas escolas públicas do Estado, a fim de promover a literatura sul-mato-grossense e valorizar a fronteira em meio aos jovens estudantes. Por fim, analisa minuciosamente as narrativas que compõe a obra *Contas do meu rosário* de Hélio Serejo. Procurando através destas, evidenciar sua contribuição para a “formação da identidade e valorização da cultura sul-mato-grossense”. Em suas palavras a autora conclui que:

É importante salientar que a oferta do ensino da Literatura Regional é garantida por meio da Lei nº 9.394/96, embora não seja colocada em prática, por isso se faz necessário enfatizar que a leitura de obras literárias de um povo refletirá diretamente no fortalecimento da identidade e da cultura desse mesmo povo. Constatou-se na obra *Conto do meu rosário* uma riqueza cultural fantástica que vai do clássico ao popular, através da obra é possível fazer um passeio pela história conhecendo as particularidades da região de fronteira.³⁶

Os textos que compõem o livro: *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)* tratam sobre os diversos aspectos da produção intelectual fronteiriça. Interligados pelo mesmo lócus enunciativo – a fronteira-Sul do Brasil – os autores abordam uma condição que é cara à fronteira, a de se pensar e produzir epistemologias a partir das bordas do sistema mundial colonial/moderno. Ao trazerem à tona a *pluriversalidade* de histórias locais que pertencem ao Estado de Mato Grosso do Sul, os textos aqui expostos, contrapõe o discurso universalizante imposto pelo pensamento Ocidental. Propondo desse modo, perspectivas outras, as quais podem dar conta da realidade fronteiriça.

154

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

OLIVEIRA-BESSA, Marcos Antônio *et al.* (org.). *Fronteiras platinas em Mato Grosso do Sul (Brasil/Paraguai/Bolívia)*: biogeografias na arte, crítica biográfica fronteiriça, discurso indígena e literaturas de fronteira. Campinas: Pontes Editores, 2017.

Resenha Recebida em 29 de outubro de 2017.

Resenha Aceita em 05 de janeiro de 2018.

³⁶ FREIRE. “Contas do meu rosário” de Hélio Serejo, p. 158.